

**METAPLASMOS CONTEMPORÂNEOS EM PRODUÇÕES
DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
PERSPECTIVAS DIMENSIONAIS PARA ALÉM DA ORALIDADE**

Pierre da Silva (FFP-UERJ)
pierre.51049368@prof.educa.rj.gov.br
José Mario Botelho (FFP-UERJ)
jomartelho@gmail.com

RESUMO

Este artigo investiga os metaplasmos contemporâneos como evidências da evolução contínua da língua portuguesa. Com base em um estudo empírico, o *corpus* reúne produções sob os eixos da oralidade, da leitura e da escrita de alunos do 8º e 9º anos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de um colégio municipal localizado em São Gonçalo. A fundamentação teórica associa princípios sociolinguísticos e aspectos da Gramática Histórica para compreender as transformações fonéticas e suas relações sociais. Adota-se uma abordagem mista: qualitativa, voltada para o contexto e para a compreensão das informações, e quantitativa, focada em dados mensuráveis e estatísticos, com análise da frequência e da tipologia dos metaplasmos. Os resultados demonstram que os metaplasmos transcendem a oralidade e oferecem subsídios pedagógicos para o ensino do tema.

Palavras-chave:

Metaplasmos. Sociolinguística. Gramática Histórica.

ABSTRACT

This article investigates contemporary metaplasms as evidence of the ongoing evolution of the Portuguese language. Based on an empirical study, the corpus comprises oral, reading, and writing samples from 8th and 9th-grade students in the Youth and Adult Education (EJA) program at a municipal school in São Gonçalo. The theoretical framework combines sociolinguistic principles with aspects of Historical Grammar to understand phonetic transformations and their social implications. A mixed-methods approach is adopted: qualitative, focusing on context and the understanding of information; and quantitative, focusing on measurable and statistical data, including an analysis of the frequency and typology of the metaplasms. The results demonstrate that metaplasms extend beyond oral communication and offer pedagogical insights for teaching this topic.

Keywords:

Metaplasms. Sociolinguistics. Historical Grammar.

1. Introdução

O uso frequente de termos abreviados pelos alunos, como “fessor”, despertou o meu interesse em investigar cientificamente essas alterações fonéticas cotidianas, associando-as aos metaplasmos – processos históricos

de transformação, que formaram o vocabulário da língua portuguesa.

Assim, pretende-se analisar essas alterações, partindo da suposição de que tais fenômenos estejam, de fato, ocorrendo. Caso se confirme, surge a questão central de investigação: “Os metaplasmos são exclusivos da modalidade oral ou já extrapolam para outros eixos da linguagem?”.

Objetivo dessa pesquisa é identificar essas formas vocabulares e diferenciá-las de outras, em que se pode identificar um tipo de desconhecimento da norma dita padrão. O intuito é desmistificar o preconceito linguístico que rotula tais usos como meros erros gramaticais.

Os informantes são alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública, localizada em São Gonçalo. Trata-se de uma turma que cursou o 8º ano no primeiro semestre de 2026 e cursa o 9º no segundo semestre. O grupo é diversificado e inclui jovens que migraram para o noturno por repetência ou indisciplina, além de adultos trabalhadores.

O *corpus* da pesquisa é gerado a partir de três eixos da linguagem: oralidade, com gravação de rodas de conversa sobre histórias pessoais; escrita, com a seleção de expressões com metaplasmos em textos produzidos pelos alunos; e leitura, na qual os participantes identificam variações ortográficas em um texto de minha autoria, sendo que os vocábulos com marcas da oralidade sobressaem como os mais pertinentes aos propósitos deste estudo.

Em função disso, a pesquisa adota uma abordagem mista ao associar os tipos quantitativos (dados mensuráveis e estatísticos) e qualitativos (compreensão dos dados e do contexto), tendo como tema central a demonstração da ocorrência dos metaplasmos como evidência da dinâmica de funcionamento da língua portuguesa. Essa perspectiva desmistifica a ideia de um idioma estático e engessado, apresentando-o em constante formação, em consonância com Coseriu (1983, p. 55), que afirma que toda língua evolui de forma contínua e histórica.

A fundamentação teórica da pesquisa apoia-se em alguns estudos fundamentais. Entre as principais referências adotadas, destacam-se as análises sobre a relação mútua entre fala e escrita de Botelho (2012), bem como as classificações das transformações fonéticas atuais propostas por Botelho e Leite (2025). A pesquisa também conta com o estudo histórico da língua portuguesa dentro do contexto da história social, política, econômica e cultural, traçado por Botelho (2022). Complementando essa base, a investigação incorpora a visão de Labov (2008) sobre a influência direta de fatores sociais na estrutura sistemática da comunicação, além das reflexões de Bagno (2009) a respeito do combate ao preconceito linguístico e da consequente valorização da diversidade cultural.

2. Aspectos teóricos fundamentais

A abordagem tangente aos metaplasmos utiliza a Gramática Histórica e a Sociolinguística para explicar alterações fonético-fonológicas na fala e escrita, considerando conceitos de retextualização e formas modernas que ainda não compõem o vocabulário oficial.

2.1. Língua e linguagem sob a ótica da Sociolinguística

A língua é definida como prática social dinâmica, que é construída e transformada pelas relações cotidianas. Para a Sociolinguística, como bem mencionam Mariano e Silva (2017), a língua não é um sistema homogêneo e fechado, mas sim um conjunto de variantes organizadas. Mesmo que apresente variações, elas seguem regras, padrões estruturados tanto na mente dos falantes quanto na comunidade.

No que concerne à linguagem, ela é um processo dialógico e interativo; instrumento de ação no mundo, o principal meio de contato entre os indivíduos de uma dada comunidade linguística. Tanto a língua quanto a linguagem, portanto, são essencialmente sociais, interacionais e culturais.

2.2. Retextualização e complementaridade: as faces da modalidade textual

A retextualização (transposição da fala para a escrita, ou vice-versa) destaca as particularidades de cada modalidade. Embora a oralidade e a escrita sejam modalidades particulares, compartilham muitas semelhanças. Dispostas num *continuum* tipológico, pode-se comprovar que oralidade e escrita não são opostas, mas sim integradas em um *continuum* linguístico, que revela as características específicas de cada gênero textual, que delas resultam.

A atividade de retextualização exige uma leitura profunda e uma tradução interna complexa. O documentador deve prestar atenção ao contexto, manter a autoria, baseada no original e interferir o mínimo possível no texto.

Marcuschi (2001) afirma que a retextualização é uma tarefa que envolve operações complexas. Em seus estudos sobre a transição da fala para a escrita, esse linguista brasileiro determina nove operações (das quais apliquei sete), divididas em dois grandes conjuntos: o primeiro focado na eliminação e inserção; e o segundo, responsável pelas mudanças mais profundas, envolvendo substituições, seleção, acréscimo, reordenação e condensação. Mas, nem todos os textos exigem a aplicação de todas as etapas, sendo o processo frequentemente concluído logo após a eliminação de marcas intera-

cionais e a inserção de pontuação no texto-base.

No processo de retextualização proposto por Marcuschi (2001), as operações são sequenciais e complementares. Inicialmente, eliminam-se marcas típicas da fala, como hesitações, correções, redundâncias e elementos interacionais, inserindo-se a pontuação com base na intuição prosódica. Em seguida, o texto é reestruturado por meio de reformulações, paráfrases e introdução de parágrafos para garantir a ordem dos tópicos, além de utilizar marcas metalinguísticas e dêiticos que tornam o contexto mais explícito. Por fim, realizam-se ajustes de concordância, reordenações sintáticas para corrigir estruturas truncadas e um tratamento estilístico subjetivo que, exigindo sólida competência do autor, busca garantir a clareza, a objetividade e a preservação do sentido original da mensagem.

A retextualização, em suma, vai além de cotejar a fala e a escrita; ela funciona como um profundo exercício de compreensão textual, ao explorar os níveis oral e escrito. Embora a transformação de textos orais exija poucas operações, a transição para a escrita resulta na perda de algumas características da oralidade.

2.2.1. O ensino da oralidade como desafio contemporâneo

Crescitelli e Reis (2014) discutem a negligência do ensino da oralidade nas escolas, ressaltando as lacunas pedagógicas geradas por professores que privilegiam a modalidade escrita. Diante disso, as autoras defendem a necessidade urgente de uma mudança de perspectiva no ensino de Língua Portuguesa, que visa garantir um tratamento igualitário entre a fala e a escrita para promover o respeito à integridade do idioma.

O estudo das doutoras é iniciado com a seguinte informação:

A crise do magistério, a formação do professor, as mudanças sociais e econômicas observadas no estado de São Paulo e no país de modo geral, somadas à “transição de um paradigma científico para outro [de base gramatical para o de base linguística] colocaram os professores de Língua Portuguesa numa situação muito desconfortável com respeito a ‘o que ensinar’, ‘como ensinar’, ‘para quem ensinar’ e até mesmo ‘para quê ensinar’”. (Crescitelli; Reis. In: Elias, 2014, p. 29)

As autoras relatam que a tendência é que essa situação desconfortável perdure. Isso porque as mudanças na educação costumam demorar muito para ocorrer. No entanto, houve um avanço na década de 90 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (a LDB 9.394/96) e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs de 1998), que apontam a necessidade de um ensino inclusivo, democrático e de qualidade.

Defende-se a valorização do ensino da oralidade em igualdade com a escrita. É proposta uma análise de falas contextualizadas, individuais ou face a face, preferencialmente gravadas, para compreender o funcionamento da língua viva e acolher as suas variantes linguísticas.

2.3. Conceitos fundamentais da Gramática Histórica

Essa abordagem tem como base obras de Botelho (2022), de Said Ali (1966) e de Coutinho (1976). A Gramática Histórica usa a noção de metaplasmos para explicar a mudança de vocábulos ao longo dos séculos. Os metaplasmos modernos – objeto desta pesquisa – são o reflexo atual dessa gramática em ação. Existe uma continuidade dos processos de mudança fonética que transformam as línguas no decorrer do tempo.

Enquanto a Gramática Histórica estuda a evolução diacrônica (do latim ao português atual), os metaplasmos modernos continuam ocorrendo na fala contemporânea, frequentemente influenciada por fatores regionais, sociais ou contatos culturais. As categorias clássicas de metaplasmos (supressão, acréscimo, transposição e transformação) aplicadas na Gramática Histórica são as mesmas usadas pra analisar as tendências atuais. Por isso, essa teoria também é tomada como referência.

2.4. Princípios sociolinguísticos fundamentais

Como campo de estudos empíricos, a Sociolinguística foi desenvolvida pelo linguista estadunidense William Labov, fundador da vertente variacionista – ramo que estuda a variação como um fator socialmente condicionado. Entre suas ideias, o autor afirma que a variação é inerente às línguas, característica fundamental de como elas funcionam e evoluem (Cf. Labov, 2008). Além disso, esta corrente mostra como a língua é moldada por fatores sociais e como ela molda a identidade e a interação social.

No campo da variação linguística, observa-se que a língua não apresenta uniformidade de uso. Bagno (1999, p. 27-8), por exemplo, ressalta que estudos modernos já comprovaram a inexistência de um idioma homogêneo. Toda língua humana em atividade é heterogênea.

Essa heterogeneidade acaba, muitas vezes, levando ao preconceito linguístico, que é um juízo de valor negativo e discriminatório direcionado a indivíduos ou grupos sociais em função do modo como eles falam ou escrevem. Daí, a importância de combater essa prática, uma vez que ela reforça desigualdades sociais, afeta a autoestima e desrespeita a rica diversidade cultural do país.

3. Metodologia

Apresenta-se, aqui, um estudo sistemático de métodos e procedimentos para o alcance dos objetivos da pesquisa. O desenvolvimento do projeto foi fundamentado na descrição dos caminhos elencados a seguir.

3.1. Avaliação diagnóstica

Foi elaborado um teste com conteúdos referentes ao tema do projeto. Essa diagnose funcionou como uma base de dados e direcionamento de abordagens da pesquisa. Por meio do teste, dados concretos foram fornecidos para provar a relevância social do estudo realizado.

Veja algumas das questões da diagnose:

Quadro 1: Avaliação diagnóstica.

Questão 1 – Observe as seguintes situações:

- I) Magda contou uma história por meio de um texto escrito.
- II) Melissa contou a mesma história no formato de história em quadrinhos, dividindo as ações em quadros sequenciais, usando expressões faciais exageradas e balões de diálogo para guiar o tempo da ação.
- III) Milena decidiu contar a mesma história, mas também de forma diferente.

Por ser dançarina, usou a *performance* para traduzir os sentimentos e os conflitos das personagens em coreografias e expressões corporais específicas.

Em que situação a linguagem foi utilizada para a contação da história?

- a) Apenas na situação I, pois a linguagem é realizada somente pelo texto escrito.
- b) Nas situações I e II, pois a escrita está presente tanto na produção textual do caso I quanto nos balões de diálogo do caso II.

Nas três situações, pois a linguagem não se manifesta apenas pela palavra escrita, mas também por desenhos, ilustrações, expressões corporais, dança, entre outros.

Questão 2 – Um colega de sala estava conversando no refeitório e dizia o seguinte a outro amigo:

Nó **fomo** até o bebedouro e vimos que a água **tava** quente.

Sobre o uso das palavras **fomo** (fomos) e **tava** (estava), assinale a afirmação com a qual você mais concorda:

- a) O aluno errou completamente, pois essas palavras não existem na língua portuguesa.
- b) O aluno falou de forma errada, fato que comprova que falantes sem instrução falam tudo errado.
- c) O aluno usava formas comuns da língua falada, mas que deveriam ser evitadas no dia a dia.

- d) O aluno usou uma expressão adequada ao contexto de comunicação.
- e) O aluno usou uma expressão inadequada, pois, independentemente da situação comunicativa, devemos sempre usar a forma correta de falar.

Questão 3 – Em textos escritos, tem sido comum identificarmos “pra” em vez de “para” e “tá” em vez de “está”. Em qual ambiente ou situação você acha que essa escrita é aceitável? Você pode marcar mais de uma opção.

- a) Em uma redação para o professor de Língua Portuguesa.
- b) Em uma mensagem de texto para um amigo no *Instagram*.
- c) Em um bilhete deixado para a mãe na geladeira.

Em um *e-mail* de vaga de emprego.

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.

3.2. Seleção e definição dos informantes

As propostas das atividades de oralidade, leitura e escrita foram direcionadas a todos os alunos da turma, que se propuseram a servir de informantes. A participação foi voluntária, sem qualquer sanção decorrente da recusa. Houve incentivo, porém nenhuma ação coercitiva, a fim de que a escola não seja transformada em um ambiente de submissão.

Os informantes, todos maiores de idade, são estudantes da Educação de Jovens e Adultos. O perfil do grupo é predominantemente de trabalhadores de baixa renda e residentes em regiões periféricas. Alguns tiveram um hiato de mais de quinze anos de afastamento do ambiente escolar.

O público apresenta vulnerabilidade econômica com trabalhos informais e acúmulo de papéis como chefes de família, enquanto valoriza momentos de lazer ligados ao artesanato, à culinária, às redes sociais e às manifestações culturais, como funk, samba, forró e pagode.

3.3. Instrumento de testagem

A abordagem didática dos metaplasmos foi estruturada de modo a contemplar as práticas de linguagem, desenvolvendo as habilidades de leitura, escrita e oralidade.

A prática pedagógica envolve a oralidade por meio de rodas de conversa gravadas e transcritas, a escrita de textos baseados nesses relatos com correção focada em metaplasmos para reescrita orientada, e a leitura de um texto autoral para identificação de variações da norma-padrão.

3.4. Aplicação do instrumento de testagem

Foram fornecidas aos alunos instruções sobre cada atividade realizada para garantir a plena compreensão das tarefas propostas.

No eixo da oralidade, os participantes organizaram-se em círculo para uma roda de conversa. Cada indivíduo teve a oportunidade de compartilhar uma experiência marcante. Os áudios foram gravados para posterior análise, em um momento que se mostrou bastante acolhedor.

Na produção textual, que ocorreu na aula subsequente à atividade oral, os alunos escreveram sobre as vivências pessoais compartilhadas na roda de conversa.

A tarefa da leitura foi desenvolvida na aula seguinte. Após a entrega do texto impresso, solicitou-se uma leitura atenciosa para o destaque de vocábulos com variações ortográficas. O foco na identificação de marcas da oralidade omitiu-se propositalmente, visto que o intuito era investigar expressões metaplasáticas que passassem despercebidas.

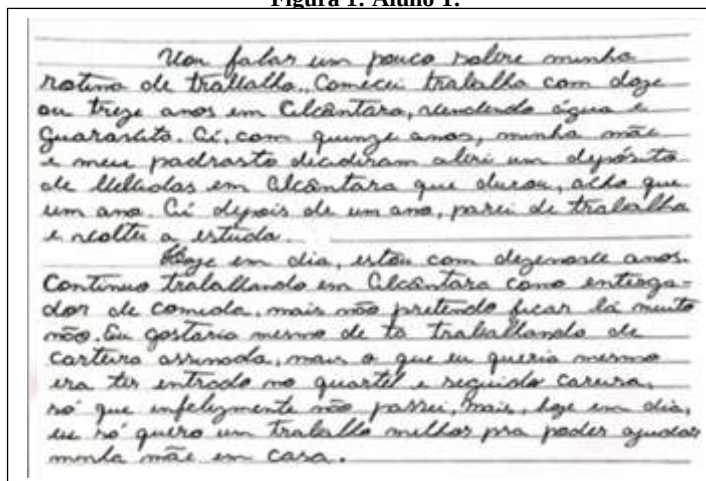
3.5. Material para a análise

A seguir, apresenta-se uma amostra de cada dinâmica realizada com os informantes.

Em relação ao eixo da oralidade, convém destacar que as transcrições estão conforme as propostas de Marcuschi (1986).

- a) Material da primeira etapa: Trecho da transcrição dos áudios.

Figura 1: Aluno T.



- b) Material da terceira etapa: Análise das variações ortográfica feita pelos alunos durante a realização de leitura.

Figura 2: Aluno A.



3.5.1. Análise dos dados

5. Vejamos uma análise dos resultados das atividades de leitura, escrita e produção textual:
6. Na primeira atividade, dezesseis informantes participaram da contação de história. No total, o corpus possui 544 palavras distintas (frequência de tipo) e 8.351 palavras no total (frequência de ocorrência). Ou seja, a contagem da frequência de ocorrência (todas as palavras do *corpus*) inclui palavras distintas (frequência de tipo) que foram repetidas pelos alunos.
7. A Tabela 1 sumariza os dados gerais do *corpus* listados:

Tabela 1: Dados gerais do corpus de transcrições da oralidade.

Total de transcrições	16
Total de palavras distintas	544
Total geral de palavras	8.351

Fonte: Elaborado pelo autor.

O principal ponto de investigação do *corpus* foi a identificação de metaplasmos modernos nas transcrições. Do total de 8.351 palavras, 1.882 apresentaram algum tipo de marca da oralidade. Portanto, 22,54% de itens do corpus foram grafados com alguma variação, enquanto o índice conforme a ortografia oficial foi de 77,46%.

Vejamos os tipos de variações de ortografia identificados em ordem decrescente de ocorrência:

Tabela 2: Variações ortográficas no corpus de transcrições da oralidade.

Tipos	Frequência de tipo	Total de variações
Apócope	215	687
Metafonía	113	376
Monotongação	67	343
Síncope	80	276
Aférese	17	102
Ditongação	10	27
Desnasalação	21	25
Rotacismo	3	12
Crise	2	10
Suarabácti	3	6
Paragoge	1	4
Prótese	3	3
Haplologia	3	3
Sístole	1	3
Ensurdecimento	2	2
Epêntese	1	1
Despalatização	1	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na atividade de produção textual, o resultado foi o seguinte:

Tabela 3: Dados gerais do *corpus* sobre produção textual.

Total geral de palavras no corpus	1.861
Total geral de palavras com metaplasmos	76
Porcentagem geral do total de casos com metaplasmos	4,08%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vejamos como ficou a frequência de tipo e o total de palavras com variações ortográficas no *corpus*, em ordem decrescente de ocorrência:

Tabela 4: Variações ortográficas no *corpus* de produção textual.

Tipos	Frequência de tipo	Total de variações
Apócope	19	26
Síncope	6	17
Aférese	9	12
Metafonia	4	5
Prótese	3	5
Monotongação	3	3
Desnasalação	1	3
Paragoge	2	2
Ditongação	1	1
Palatização	1	1
Suarabácti	1	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na atividade de leitura, o percentual geral reflete o total de ocorrências de metaplasmos no texto em relação ao número de alunos, calculando-se uma porcentagem de casos não identificados pela quantidade de informantes.

Como o objetivo foi investigar variações com marcas da oralidade, a análise focou justamente nesses vocábulos que passaram despercebidos. Os resultados foram os seguintes:

Tabela 5: Total geral de metaplasmos não identificados na atividade de leitura.

Total de palavras com metaplasmos no texto	Total de palavras com metaplasmos (58) x Total de alunos (14)	Total geral de casos não identificados pelos alunos	Percentual geral de casos não identificados
58	812	449	55,29%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Houve palavras com altíssimo percentual de não identificação. Parte delas nem sequer foi reconhecida por nenhum dos catorze alunos participantes. Vejamos alguns casos:

Tabela 6: Casos expressivos de metaplasmos não identificados na atividade de leitura.

Palavras	Classificação do tipo de metaplasmo	Percentual geral de alunos que não identificaram
Pra	síncope	100%
Carangueijo	ditongação	100%
Tá	aférese	100%
Varize	paragoge	100%
Vó	aférese	100%
Derrepente	prótese	100%
Gratuito	diástole	100%
Nego	síncope	92,8%
Família	palatização	92,8%
Lagartixas	hipértese	92,8%

Cabeçário	despalatização	92,8%
Beneficiente	epêntese	92,8%

Fonte: Elaborado pelo autor.

A ocorrência de metaplasmos foi constatada nos três eixos da linguagem. Na oralidade, houve 22,54% de casos identificados; na produção textual, apenas 4,08%; na leitura, 55,29% de variações passaram despercebidas. De fato, esse fenômeno transcende a oralidade.

Analisando por categorias, na oralidade, os homens obtiveram um percentual maior de produtividade: 22,98% contra 19,86% das mulheres. Em relação à faixa etária, os informantes mais jovens (18 a 20 anos) tiveram 23,23% de realizações de metaplasmos, índice superior ao grupo etário mais avançado (21 a 55 anos), que expressou 20,85% de casos.

Na produção textual, o cenário é inverso. As mulheres obtiveram um percentual maior de produtividade: 4,15% contra 3,80% dos homens.

Em relação à faixa etária, o grupo de idade mais avançada apresentou 4,71% de casos, superior aos 2,83% dos mais jovens.

Já em relação à leitura, o resultado volta a ficar equivalente à oralidade, em que os homens deixaram de reconhecer 59,38% de palavras com metaplasmos, ao passo que as mulheres não ponderaram 47,93%. Em relação ao grupo dos mais jovens, 60,91% dos casos passaram despercebidos, índice que foi de 51,07% na faixa etária mais avançada.

4. *Proposta de intervenção*

A seguir, apresenta-se o esquema das estratégias didáticas adotadas, demonstrando tanto as novas abordagens de intervenção quanto as já mencionadas na metodologia.

Quadro 2: Esquema das estratégias didáticas adotadas.

1	Apresentação do Projeto de Pesquisa e assinatura do TCLE.
2	Avaliação diagnóstica.
3	Mapeando conhecimentos prévios dos alunos sobre língua e linguagem: I – Dinâmica das mímicas. II – Inferência de sentidos de imagens. III – Associação de imagens com charadas ocultas a serem decifradas por meio da escrita.
4	Roda de conversa: compartilhamento de vivências dos alunos (áudios serão gravados para a transcrição).

5	Produção textual (sobre a vivência relatada).
6	Leitura de texto (palavras em desacordo com a norma-padrão deverão ser destacadas).
7	Breve história da língua portuguesa.
8	Reflexões sobre a oralidade e a escrita.
9	Marcas da oralidade na escrita de natureza metaplasática.
10	Breve reflexão sobre variação linguística e preconceito linguístico.
11	Análise da transcrição do áudio e retextualização para a modalidade escrita.
12	Análise da produção textual e reflexões sobre os metaplasmos na escrita.
13	Análise da atividade de leitura: identificação dos metaplasmos presentes.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Todos os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), exigência legal e ética regulamentada principalmente pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Inicialmente, foi aplicada a avaliação diagnóstica na qual se observou que muitos alunos consideraram a língua como estática e invariável e, em função disso, demonstraram preconceito linguístico. Em seguida, os conhecimentos prévios dos discentes sobre língua e linguagem foram mapeados por meio de três atividades dinâmicas, transitando de um ensino puramente prescritivo para uma abordagem mais criativa.

Com foco no uso prático e social da linguagem, foram realizadas atividades lúdicas focadas na comunicação e interpretação. Inicialmente, os alunos trabalharam em grupos com mímica para explorar a comunicação não verbal por meio de gestos. Na sequência, analisaram individualmente dez imagens cotidianas de forma progressiva para exercitar a inferência de sentidos. Por fim, participaram de uma competição em duplas para decifrar charadas baseadas em associações de imagens, registrando as respostas por escrito no caderno.

Por meio da realização das três dinâmicas, constatou-se que muitos concebiam língua e linguagem como um mesmo fenômeno e limitaram esta última apenas à escrita. Após uma reflexão sobre o tema, foram realizadas as atividades de roda de conversa (com áudios gravados para transcrição), de produção textual e de leitura de texto.

Em seguida, houve uma breve informação sobre a história da língua portuguesa: originou-se do latim falado na região do Lácio (atual Roma) e foi levada para a Península Ibérica, onde recebeu contribuições germânicas e árabes. Depois, passou pelo galego-português, evoluiu para o português e foi trazida ao Brasil pelos lusitanos durante as Grandes Navegações.

Foram discutidas, com os discentes, questões acerca das nuances da comunicação, tendo a intenção de conduzi-los à compreensão de que a linguagem humana integra tanto a oralidade quanto a escrita, e que ambas são modalidades complementares, e não opostas.

Nesse sentido, o ensino da norma-padrão deve focar na adequação discursiva a diferentes contextos, promovendo o combate ao preconceito linguístico e reconhecendo a variação linguística como um aspecto socio-cultural legítimo, e não como um erro. Diante disso, compreender as marcas de oralidade na escrita é fundamental para o sucesso interativo. Essa consciência permite que o falante busque adequar o texto a objetivos específicos e evite inadequações em contextos comunicativos.

A partir dessa sucessão de etapas, procedeu-se à análise da transcrição do áudio e sua retextualização para a modalidade escrita, seguida pelo exame da produção textual e da atividade de leitura, com foco na identificação e reflexão sobre os metaplasmos presentes. O trabalho se encerra com reflexões sobre os gráficos das ocorrências de metaplasmos ao longo das três atividades práticas que integraram os eixos de escrita, produção textual e oralidade, além de reiterar o dinamismo da língua, que continua em constante formação.

5. Considerações finais

Em virtude do estudo realizado, pôde-se constatar a manifestação de metaplasmos contemporâneos em registros de alunos da Educação de Jovens e Adultos. Os dados revelaram uma incidência expressiva no escopo da oralidade, conforme esperado. Na leitura, muitas dessas variações passaram despercebidas, ao passo que na escrita também houve registros, ainda que em menor escala. Logo, a existência desse fenômeno foi revelada nas três esferas da linguagem, o que justifica a importância de um trabalho pedagógico focado no tema.

Contando com o engajamento ativos dos informantes, a pesquisa teve como objetivo evidenciar a produtividade dos processos metaplasматыcos, conduzindo os discentes à compreensão da dinâmica das variações fonéticas contemporâneas. Fomentou-se, assim, uma reflexão crítica sobre a evolução do português, desmistificando o conceito de “erro” e legitimando a variação linguística como manifestações socioculturais e identitárias.

Essa constante variação, que atua no presente e projeta mudanças futuras no vocabulário, evidencia o papel essencial dos metaplasmos na evolução do léxico e aponta para a contribuição deste artigo à área educacional, ao inspirar educadores a adotarem a prática de professor-pesquisador e a valori-

zarem abordagens sobre a evolução da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009 [1999].

BOTELHO, José Mario. *História externa da língua portuguesa e a formação de seu léxico*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

_____. *Oralidade e escrita na perspectiva do letramento*. Jundiaí: Paco, 2012.

_____; LEITE, Isabelle Lins. Metaplasmos Contemporâneos – Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. *Anais do II Congresso de Letras da Uerj (CLUERJ)*, Volume Único, Ano 2, n. 01. São Gonçalo: FFP-Uerj, 2005. (Congresso). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/ANAIS/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

COSERIU, Eugenio. Linguistic change does not exist. *Linguistica nuova ed antica, rivista di linguistica classica medioevale e moderna*, Anno I, p. 51-63, Galatina-It: Congedo Editore, 1983. Disponível em: https://coseriu.ch/wpcontent/uploads/publications_coseriu/coseriu209.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRESCITELLI, Mercedes Canha; REIS, Amália Salazar. O ingresso do Texto oral em sala de aula. In: ELIAS, V.M. (Org.). *Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 29-39

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARIANO, Rafaela Defendi; SILVA, Beatriz Ferreira. *Sociolinguística*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional, 2017.

SAID ALI, Manoel. *Gramática Histórica da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.